

KULTURA

SEXTA-FEIRA, 21 DE OUTUBRO DE 2022

STALKING UM CONTO DE TERROR DOCUMENTAL

COM DIREÇÃO DE ELISA VOLPATTO E
RITA GRILLÒ, A PEÇA TEM ESTREIA
MARCADA QUINTA-FEIRA, DIA 27, NO
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO





SEO DITO

BAR GASTRONÔMICO



FILME SEGREDOS EM FAMÍLIA

EM CARTAZ NO RESERVA CULTURAL - 20

COMO AS DEMOCRACIAS MORREM - 4

46.ª MOSTRA - 9

45 ANOS DO PUNK - 14

NOSFERATU - 17

CAPA - STALKING - 23

PRIMAVERA SOUND - 25

XINGU - 38



KULTURA

Editor: Maurício Araújo

REVISTA KULTURA

Redação e publicidade:

Rua Miguel Jorge Cury, 13, cjs. 13 / 14, Centro, Mairiporã/SP – CEP: 07600-081

11 4484-7285 / 99529-2619 ☎ / kultura@digitalvmidia.com.br

Reportagem: Daiene Faro Editoração eletrônica: Beatriz Campos

Colaboradores: Tamires Ramalho, Italo Medeiros, Layla Bachour e Tarcílio de Souza Barros.

COMO AS DEMOCRACIAS MORREM

POR CLAYTON MENDONÇA CUNHA FILHO

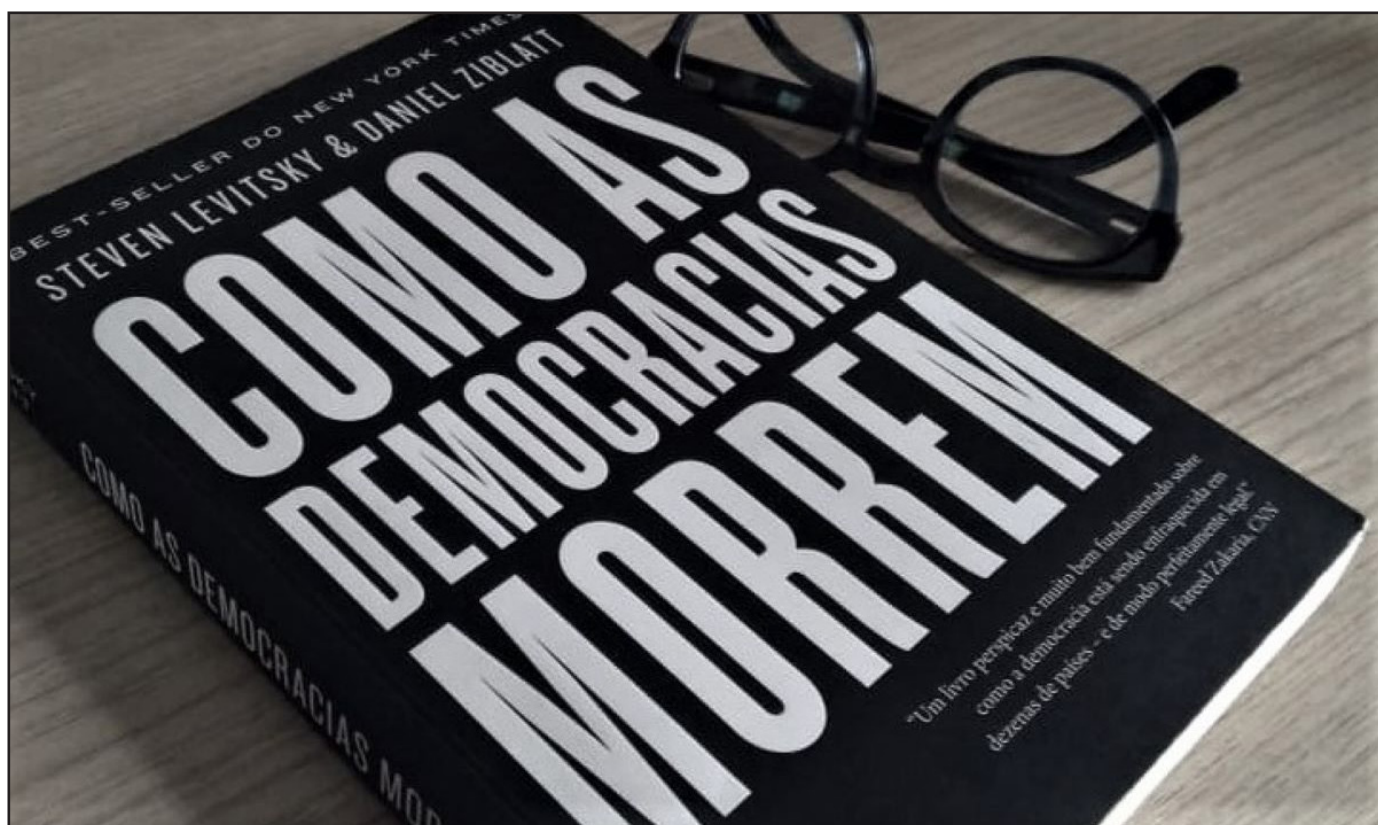


Foto: Reprodução

Lançado em 2018 nos Estados Unidos e traduzido para o português, no Brasil, ainda no mesmo ano, pela editora Zahar, o livro *Como as democracias morrem*, de Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, é certamente um caso de best-seller imediato. Em-

bora bastante recente, o livro já recebeu mais de cem citações da sua versão brasileira e quase oitocentas da sua versão original e segue suscitando debates e recebendo elogios ao redor do mundo, impulsionado por um Zeitgeist mundial em que a democracia enfrenta

visíveis processos de erosão e ruptura.

O livro busca mostrar como a democracia pode e é frequentemente subvertida por dentro, pelas mãos de líderes e atores de tendência autoritária que, navegando através de suas mesmas instituições e poderes, termi-

nam por transformá-la em um regime distinto e autocrático, sem necessariamente precisar utilizar das forças armadas ou de um golpe de Estado clássico. Segundo os autores, a morte da democracia atualmente viria principalmente através de medidas anunciadas com nobres intenções, tais como combate à corrupção ou segurança nacional, e coberta de vernizes democráticos, frequentemente avalizadas por instituições como parlamentos ou cortes de justiça.

A subversão democrática na maioria das vezes se daria através de medidas graduais e se iniciaria, na verdade, já através de medidas simbólicas e discursos polarizadores que buscam construir a ideia de ilegitimidade dos opositores. E prossegue através da captura ou neutralização de instituições de controle, tais como Procuradorias, Cortes de Justiça ou Tribunais de Contas, removendo seus membros mais independentes e/ou preenchendo-as com lealistas fanáticos, tanto para diminuir os riscos e limitações que tais instituições representariam aos objetivos do autocrata, quanto pelo potencial que representam na coerção dos adversários, que passam a enfrentar um campo de atuação cada vez mais desnivelado. E, apesar de as tendências autoritárias de líderes autocráticos serem frequentemente reconhecíveis e por vezes mesmo explicitamente anunciadas, desde muito antes de suas chegadas ao poder, tais líderes acabam sendo “normalizados” por parte de elites políticas que neles enxergam a possibilidade de se livrar de adversários incômodos. Minimizando os riscos ao próprio regime democrático, aproveitam-se de maneira interessada

dos abusos contra seus adversários e terminam na maioria das vezes engolidos pelo avançar do processo.

O livro consta de nove capítulos e uma introdução bem encadeados entre si, nos quais os autores alternam entre a apresentação de suas teses ilustradas com casos ao redor do mundo, em distintos tempos, e capítulos onde as aplicam a episódios da história estadunidense. Assim é que, após resumir as teses do livro na Introdução, Levitsky e Ziblatt descrevem no Capítulo 1 os processos de chegada ao poder de outsiders autoritários em alianças com atores da elite política que pensavam instrumentalizá-los e se veem por eles engolidos. Já no Capítulo 2, focam em episódios semelhantes da história política dos EUA em que, no entanto, tais outsiders se viram barrados antes da presidência pelo papel de guardiões democráticos que atribuem aos partidos políticos e suas elites; e, no Capítulo 3, prosseguem com a análise das mudanças introduzidas no sistema de primárias dos partidos do país e que as teriam tornado potencialmente mais porosas à passagem de líderes dessa natureza, sendo Trump uma espécie de culminação do processo.

Nos Capítulos 4 e 5, por sua vez, retornam às ideias mais gerais acerca da morte democrática, descrevendo em detalhes, no quarto capítulo, os processos internos de tomada gradual de poder pelos autocratas eleitos através da cooptação das instituições de controle e da perseguição e afastamento dos principais adversários; e, no quinto, desenvolvem sua tese principal. Para os autores, além de boas constituições e instituições eficientes, a democracia para funcionar necessitaria do que eles

chamam de regras não escritas que a protejam. Uma cultura política de tolerância mútua entre os adversários e o que eles chamam de reserva institucional (forbearance), ou seja, o “ato de evitar ações que, embora respeitem a letra da lei, violam claramente o seu espírito” (p. 107) constituiriam as grades de proteção necessárias à sobrevivência da democracia. Sua ausência implica polarizações excessivas, transformando adversários em inimigos essenciais e a competição democrática em um confronto sem meios-termos possíveis em que predominaria o oposto da reserva, chamada por eles de jogo duro constitucional (constitutional hardball), cujo resultado último não pode ser outro que a aniquilação da própria democracia.

Nos três capítulos seguintes, Levitsky e Ziblatt voltam novamente suas atenções ao caso estadunidense, descrevendo no Capítulo 6 as origens e o desenvolvimento das grades de proteção nos EUA, bem como momentos em que as mesmas foram ameaçadas ou mesmo ruíram, como durante a Guerra Civil, e seu processo de reconstrução após o fim da ocupação dos estados derrotados do Sul e que teriam então resistido firmemente pelo menos até os anos 1980. Os autores, no entanto, admitem, ao fim do capítulo, que devem “concluir com uma advertência perturbadora. As normas que sustentam nosso sistema político repousavam, num grau considerável, em exclusão racial. A estabilidade do período entre o final da Reconstrução e os anos 1980 estava enraizada num pecado original: o Compromisso de 1877 e suas consequências, que permitiram a desdemocratização do Sul e a consolidação das leis de Jim Crow. A exclusão

racial contribuiu diretamente para a civilidade e a cooperação partidárias que passaram a caracterizar a política norte-americana no século XX” (p. 140). Após as políticas de inclusão dos anos 1960 que desmantelaram a segregação racial sulista, o país teria finalmente se democratizado plenamente, mas a polarização política e as ameaças às grades de proteção voltaram a crescer cada vez mais. No Capítulo 7, então, passam a descrever com exemplos concretos o abandono cada vez maior das regras não escritas sobretudo por parte do Partido Republicano, que passa a se enraizar cada vez mais nos conservadores estados do Sul, incrementando significativamente a polarização. Anteriormente, a heterogeneidade constitutiva dos partidos políticos estadunidenses, com democratas conservadores no Sul racista, mas progressistas no Norte liberal, e republicanos conservadores no Norte, mas progressistas no Sul, conferia certo equilíbrio e proteção ao sistema, segundo sua interpretação. Por fim, no Capítulo 8, os autores se concentram em descrever as sucessivas violações de Donald Trump às grades de proteção do país e as possíveis consequências nefastas que daí adviriam para o futuro democrático estadunidense.

Levitsky e Ziblatt concluem o livro no Capítulo 9, “Salvando a Democracia”, o qual iniciam admitindo mais uma vez que a excepcionalidade democrática dos EUA estivera ancorada na exclusão racial e que as tentativas de superá-la no século XX teriam trazido de volta a polarização e os ataques às grades de proteção que estariam ameaçando a democracia no país atualmente. Tentando, talvez, passar um tom algo mais otimista, voltam-se em seguida a

listar alguns países ao redor do mundo em que a democracia estaria sendo aumentada ou pelo menos ainda plenamente preservada, e que seriam, segundo eles, ainda a “vasta maioria”, embora a lista apresentada pareça duvidosa ao incluir o Brasil entre os países em que a democracia ainda “permanece intacta” (p. 195). Mesmo que o livro tenha sido publicado em 2018 e, portanto, os autores não tenham podido considerar os efeitos trazidos pela presidência do claramente autocrático (pelos critérios do livro) Jair Bolsonaro, é imperdoável para pesquisadores do quilate dos dois autores considerar que o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, o qual se utilizou eminentemente das táticas de jogo duro constitucional por eles apontada no Capítulo 5, não tenha sequer arranhado nossa democracia. Levitsky e Ziblatt, então, passam a conjecturar três possíveis cenários para os EUA pós-Trump: um cenário otimista e considerado improvável, em que os esforços autoritários do presidente são plenamente derrotados e restaura-se a democracia com todas as suas grades de proteção e respeito às regras não escritas; um outro cenário pessimista, considerado por eles como possível, mas ainda não tão provável em que Trump triunfa plenamente e mata de vez o que resta de democracia no país; e uma terceira possibilidade, que consideram a mais provável no futuro imediato, em que a democracia dos EUA passa a viver sem as regras de contenção e com efeitos perigosos e imprevisíveis no longo prazo. Os autores terminam o capítulo e o livro tentando apontar caminhos para a restauração democrática e insistem na reconstrução da tolerância mútua e na reserva institucional como parte fun-

damental dos mesmos, apresentando como casos de sucesso a reconstrução da direita alemã no pós-Guerra e a ampla coalizão chilena da Concertação que teria permitido o regresso do país à democracia após a ditadura pinoche-tista.

Como visto, embora traga de fato exemplos concretos de atores e processos que minaram a democracia por dentro em várias épocas e lugares distintos – da Alemanha nazista ao Peru de Fujimori, passando pela Venezuela chavista, as Filipinas de Marcos, e a contemporânea Hungria de Orbán, entre alguns outros casos – e tenha um título “genérico” sobre a morte democrática, levando a crer tratar-se de uma obra de foco teórico geral, o livro é, na verdade, fundamentalmente uma análise do caso estadunidense sob a presidência de Donald Trump (2017-). Embora isso possa vir a frustrar em alguma medida alguns leitores que eventualmente cheguem ao livro buscando uma abordagem mais “universal”, não constitui exatamente um problema na medida em que um foco mais restrito, de fato, frequentemente permite uma análise mais aprofundada de qualquer fenômeno concreto. Além disso, se é correta a tese dos autores de que a democracia estadunidense se encontra atualmente em perigo devido a processos iniciados nas últimas décadas e exacerbados pela presidência Trump, tampouco se trataria de qualquer caso, visto que os EUA representam para muitos, com ou sem razão e dentro ou fora dos próprios EUA, uma representação simbólica da própria ideia de democracia e exercem influência desproporcional ao redor do mundo.

O problema é que os autores pare-

cem não levar às últimas conclusões o alcance do argumento desenvolvido e uma análise aprofundada do mesmo pareceria indicar um veredicto ainda mais pessimista acerca da preservação da democracia no atual contexto mundial do que eles parecem considerar. Se toda a grande pax democrática estadunidense esteve baseada, como eles mesmos admitem, na exclusão racial e as grandes rupturas dessa estabilidade vieram da adoção de políticas de inclusão, não seria um grande wishful thinking a proposta de preservação democrática por meio de amplas coalizões interpartidárias em que os atores voluntariamente freiam suas iniciativas para não derrotar completamente a oposição? O livro é repleto de metáforas esportivas, o que certamente facilita sua leitura pelo público leigo e isso é extremamente positivo, mas será mesmo possível salvar a democracia apenas pela adesão voluntária dos vencedores à reserva institucional como numa partida de basquete de rua, como sugerem Levitsky e Ziblatt?

Extrapolando os achados dos autores para outros países, recorde-se que quando do início da redemocratização da América Latina, nos anos 1980, as perspectivas de sua consolidação aos olhos da Ciência Política eram invariavelmente pessimistas devido a sua extrema desigualdade socioeconômica. Quando a persistência democrática nos anos 1990-2000 colocou em questão tal diagnóstico pessimista, autores como Kurt Weyland (2004) consideraram que a ampla adesão ao neoliberalismo na região havia contribuído para essa estabilidade por retirar da agenda política questões

redistributivas que historicamente tinham melindrado as elites da região e ensejado rupturas democráticas, embora reconhecendo que isso, ao mesmo tempo, diminuía a qualidade de nossas democracias. As décadas seguintes do novo milênio trouxeram a vários países da região questionamentos a essa hegemonia neoliberal, com experimentos redistributivos e intervencionistas em geral bastante moderados, mas que, mesmo assim, propiciaram o retorno da polarização, e mesmo golpes de Estado manu militari, como na Venezuela (2002) e Honduras (2009), ou interdições parlamentares, como no Paraguai (2012) e Brasil (2016). Seria então realmente possível imaginar a preservação democrática apenas pela autorrestrição dos atores políticos em contextos em que há realmente grandes questões em jogo, em que, se talvez não sejam plenamente de soma zero, é preciso que alguém perca algo para que outros grupos possam superar sua situação de exclusão?

Voltando ao caso dos EUA, nas últimas páginas do livro, os autores analisam – e rejeitam – sugestões de superação da polarização política no país por meio do abandono, pelo Partido Democrata, dos interesses de minorias e das políticas de identidade em geral em prol de “recapturar a assim chamada classe trabalhadora branca” (p. 213), propondo em vez disso a adoção de políticas sociais universalistas de combate às desigualdades estruturais do país para fortalecer a democracia e gerar bases para coalizões interpartidárias que restaurassem as grades de proteção. Mas o quão factível seria realmente a proposta se ele dependesse, para sua

execução, da anuência do mesmo Partido Republicano cada vez mais sólido na defesa de interesses econômicos das megaelites econômicas? De fato, infelizmente, a proposta acaba soando mais como utopia do que como concretude, sobretudo se lida à luz de relatos como os de Wolfgang Streeck (2018) sobre o abandono progressivo pelo Grande Capital dos compromissos democráticos que sustentaram a Era de Ouro do Estado do Bem-Estar na Europa e que tanto contribuíram aos desgastes e desencantos cidadãos para com a democracia, a partir de meados dos anos 1980.

Em suma, o livro de Levitsky e Ziblatt oferece uma narrativa sucinta e em linguagem acessível acerca dos processos contemporâneos de erosão democrática e constitui-se em leitura importante, no momento, tanto para pesquisadores do tema quanto para o público em geral. Contudo as soluções sugeridas parecem fundamentadas muito mais em um normativismo voluntarista do que na análise plena dos desdobramentos das teorias e fatos relatados ao longo do livro. É um bom ponto de partida para a discussão de como as democracias morrem, mas, longe da palavra final, sobretudo se de salvá-las se trata.

REFERÊNCIAS

STREECK, W. Tempo Comprado: a crise adiada do capitalismo democrático. São Paulo: Boitempo, 2018.

WEYLAND, K. Neoliberalism and Democracy in Latin America: a mixed record. *Latin American Politics and Society*, v. 46, n. 1, p. 135-157, Spring 2004.

Fonte: comunicata.ufpi.br/

**Sonho
não tem
idade**



CINESESC

NA 46.ª MOSTRA

REDAÇÃO

De 20 de outubro a 2 de novembro acontece a 46.ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, trazendo ao público brasileiro uma seleção de lançamentos do cinema mundial contemporâneo, muitos deles com passagem por importantes festivais.

A edição deste ano exibe ao todo 223 títulos, entre longas de ficção, documentários e séries, de 60 países. O evento, que é um dos mais aguardados pelos cinéfilos da capital paulista e de todo o

país, conta com sessões em um circuito de 12 salas de cinema, entre elas o CineSesc.

Confira, abaixo, os destaques da programação da Mostra em nossa sala de cinema e plataforma digital.

CineSesc

A sala do CineSesc recebe ao todo 50 filmes durante a 46ª Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, com três a quatro sessões por dia, exceto em

30/10, em função do segundo turno das eleições (a unidade estará fechada). A venda de ingressos acontece no mostra.org/ e terá desconto de meia-entrada para quem possui a credencial plena do Sesc, apenas para as sessões do CineSesc. Para isso, é necessário apresentar a credencial na entrada da sala.

Entre os destaques da primeira e segunda semana de exhibições da Mostra, estão o longa da realizadora espanhola Carla Slmón "Alcarràs", vencedor do

Foto: Reprodução/Filme Bardo, Falsa Crônica de Algumas Verdades



Urso de Ouro no Festival de Berlim, e a produção sueca “Triângulo da Tristeza”, filme de Ruben Östlund que ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes e foi o título escolhido para a noite de abertura da 46ª Mostra.

As séries também ganham espaço nesta edição do evento, com destaque para o lançamento de “The Kingdom Exodus”, produção do premiado cineasta dinamarquês Lars Von Trier que terá os dois primeiros episódios exibidos no CineSesc no dia 26/10, às 18h15.

Cinema em Casa

Quem não puder acompanhar as sessões na sala de cinema, tem a opção de assistir online a uma seleção de filmes da 46ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo. A plataforma Sesc Digital disponibilizará 10 títulos para acesso gratuito em todo o Brasil também a partir de 20 de outubro. Mas atenção: cada filme está limitado a 1.500 visualizações. Portanto, programa-se e aproveite!

Entre os destaques, estão o belga premiado em Berlim “Corações Gentis” e

o indiano “Tartaruga Sob a Terra”.

Sala do CineSesc

Acesse o site sescsp.org.br/ para conferir a programação da Mostra no CineSesc (venda de ingressos diretamente pelo site mostra.org).

#CinemaEmCasa

Acesse sescsp.org.br/46mostra para assistir aos títulos da Mostra disponíveis na coleção Cinema em Casa da plataforma Sesc Digital.

Foto: Reprodução/Filme No Bears





Foto: Reprodução

A SAÍDA ESTÁ NA NOSSA FRENTE

POR TARCILIO DE SOUZA BARROS

O filme “A Saída Está na Nossa Frente”, com roteiro e direção de Bob Rice, se passa em Daggett, uma comunidade de 200 pessoas no deserto da Califórnia, onde o casal Mark e Tracy Stages moram em um trailer velho.

Vivendo próximo a uma mina aurífera desativada e atual reduto de velhos rituais, o casal vive sua vida num ambiente hostil, rodeados de velhos automóveis enferrujados, amontoados de máquinas de lavar roupa e todo tipo de quinquilharias descartadas em volta de sua moradia. É e nesse ambiente que

criam sua filha Cassie. Porém, desejando dar-lhe uma vida melhor, Cassie se prepara para deixar a família e mudar para Los Angeles.

Quando Mark recebe o diagnóstico de uma doença terminal decide não contar à filha para não estragar os planos dela e seu desejo de mudança.

O diretor Bob Rice expõe um quadro nu do sistema americano, onde não vemos o cenário do esplêndido *Way of Life Americano*, mas um *modus vivendus* trágico, doloroso de como há aspectos miseráveis no rico país onde vivem.

O filme incomoda o espectador pela forma como essa família está submetida em sua pobreza, falta de esperança de um futuro melhor, para eles e sua filha, que ao final, ante a morte do pai, retorna ao mesmo status anterior renunciando a um mundo melhor.

Serviço

Filme: A Saída Está a Nossa Frente (Way Out of Ahead of Us).

Dir./Rot. Bob Rice

EUA - 2022 - Cor - 87 min. - Ficção

AValiação: Regular

SCHEMA

POR TARCILIO DE SOUZA BARROS



Foto: Reprodução

“Schema”, filme oriundo do Casaquistão e com direção de Farkhat Sharipov, tem certa analogia com o filme “A Saída Está na Nossa Frente”, de Bob Rice, pois o script aborda os jovens entediados com a monotonia em que vivem, da escola para casa e vice-versa, do meio familiar sem visão de futuro que os fazem formar grupos de adolescentes e mergulharem nas drogas e álcool.

Formato do filme comercial, sem

nenhum vínculo com obra de arte, se espalha mostrando a passagem das quatro estações do ano, tanto assim que a direção coloca um trecho de “Le Quattro Stagioni” do compositor italiano Padre Antonio Vivaldi.

O filme traz Masha como adolescente em crise buscando sua identidade, se afastando da família e entrando em choque com seus pais. Ela encontra Ran, um garoto por quem se apaixona

totalmente, o qual a leva ao consumo de substâncias tóxicas, indo a festas e ganhando um dinheiro por isso.

“Schema” é excessivamente dialogado, cansativo, e por enredo conhecido de outros filmes, nada têm a dizer.

Serviço

Filme: Scheme (Skhema)
Dir/Rot, Farkhati Sharipov
Casaquistão -2022 - Cor - Ficção 73m.
Avaliação: Ruim

100 ANOS DO RÁDIO

REDAÇÃO

A primeira transmissão oficial de rádio no Brasil completou 100 anos em setembro e o Museu da Imagem e do Som (MIS) oferece um curso especial dedicado a essa data.

Conhecido por sua agilidade em informar, o rádio promove o lançamento de artistas e músicas de sucesso, muito antes da chegada da internet e das dancinhas nos aplicativos. O rádio é hoje um meio de comunicação com ampla liderança entre todos os formatos de áudio, que conecta marcas a públicos atentos e cativos em qualquer lugar. Durante o período mais intenso da pandemia, teve sua audiência extremamente aumentada em todos os segmentos, afinal rádio é companhia.

Mesmo com o advento de novas tecnologias, rumores da extinção do rádio não passaram de especulações, afinal de contas esse meio de comunicação ocorre em paralelo com cada avanço tecnológico: televisão, disco, fita k7, cd, Napster, MP3, serviços de streaming, redes sociais e podcasts.

Unindo histórias do rádio e dinâmicas, o curso busca mostrar um pouco de como é um estúdio de rádio através de vídeos, ensinando algumas técnicas para

melhorar a comunicação. Desde técnicas para se expressar melhor à improvisação, a ideia é possibilitar aos participantes uma minixperiência radiofônica, construindo uma linha de raciocínio para ajudar a se comunicar melhor. Serão apresentados textos jornalísticos, promoções, demonstrada a diferença das locuções em cada segmento, locução publicitária, e apresentada a transformação do rádio nos últimos 100 anos. Mais do que nunca a boa comunicação é primordial e exigida algumas vezes, independentemente da área de atuação. Muitas vezes, como no rádio, saber se comunicar de forma que toque o outro, aproxime, atinja, emocione, faz toda

diferença! Essa vivência é para todos que querem se expressar melhor, seja em seu trabalho, seus vídeos casuais em redes sociais, podcasts e vídeos.

Serviço

Curso 100 anos de rádio

Quando de 24 de outubro a 7 de novembro

Horário: 24, 26, 31 de outubro e 7 de novembro, segundas e quartas, das 19h às 21h

Valor: R\$ 120,00

As aulas acontecem on-line, ao vivo (pelo Zoom), e a gravação pode ser acessada por até uma semana após o último encontro, mediante solicitação.

Foto: Renee Johnson





Imagem: divulgação

45 ANOS DO PUNK

REDAÇÃO

Entre os dias 20 e 26 de outubro, o Petra Belas Artes celebra um dos mais importantes movimentos contraculturais contemporâneos: o punk. “Desculpe aturá-los! 45 anos do punk”, que conta com curadoria da jornalista Luísa Bittencourt, traz uma mostra de

filmes nacionais e internacionais composta por três sessões diárias, uma feira de publicações independentes com mais de 15 artistas, a edição especial do Belas Sonoriza, com o filme “Sid & Nancy – O amor mata” – musicado ao vivo por Clemente Nascimento -, e a ex-

posição “Expressões Rebeldes” com cartazes de shows históricos que integram o acervo de Ariel Invasor, vocalista da banda Invasores de Cérebros.

A programação traz uma seleção de filmes que não só recontam a história do punk no Brasil e no mundo, como tí-

tulos que fizeram sucesso na época e influenciaram o movimento diretamente.

Representando a cena brasileira, estão clássicos como Punks (Sarah Yakhi e Alberto Gieco, 1984) e Garotos do Subúrbio (Fernando Meirelles, 1983), que acompanham a trajetória de punks em São Paulo no início da década de 1980; Botinada: A origem do punk no Brasil (Gastão Moreira, 2006), documentário que conta a história do surgimento do movimento no Brasil, por meio de depoimentos (muitas vezes contraditórios) de figuras que viveram os primórdios dessa explosão de rebeldia no país; e A Um Passo do Fim do Mundo (Simone Rêgo, 2001), documentário que mostra o festival de mesmo nome, que aconteceu em 2001, no Tendal da Lapa, em São Paulo.. A programação conta ainda com o lançamento do curta Êra, Punk!, dirigido por Flávio Galvão e que mostra a atuação política de punks em São Paulo, durante a pandemia de Covid-19.

Já sobre a história do movimento no mundo, a seleção traz dois documentários do aclamado diretor inglês Don Letts: Two Sevens Clash: Dread Meets Punk Rockers, que narra o encontro de rastafaris e punks em uma Londres prestes a explodir em 1976; e Punk: Attitude, um registro com cenas históricas e entrevistas de bandas como MC5, Velvet Underground e outras bandas que marcaram a cena underground da época.

Encerrando as exposições de cada dia, foram selecionados filmes de ficção clássicos, que marcaram o movimento punk no mundo, como The Warriors – Selvagens da Noite (Walter Hill), Class of 1984 (Mark L. Lester) e A Volta dos Mortos Vivos (Dan O'Bannon).

Exposição Expressões Rebeldes

No mezanino do Belas a exposição “Expressões Rebeldes” com cartazes históricos de shows e encontros do movimento punk, desde o início da década de 1980, completa a programação. O material é do acervo pessoal de Ariel Invasor, colecionador de itens raros que remontam os primórdios das produções gráficas alternativas. Ariel foi vocalista da primeira banda punk brasileira, o Restos de Nada, da banda Inocentes e hoje integra os grupos Invasores de Cérebros e Os Insociáveis.

Entre os cartazes, estão o do festival Grito Suburbano, realizado em 1981 e que reuniu as bandas Olho Seco, Cólera, Inocentes, Mack e Anarcoólatras; de show realizado na PUC-SP em 1982, com as bandas Inocentes, Ulster e Passeatas; do Primeira Comunhão na Igreja, encontro promovido pelo coletivo SP PUNK em 1986, que contou com a exibição do filme Garotos do Subúrbio, de Fernando Meirelles; e dos festivais O Começo do Fim do Mundo, realizado em 1982, no Sesc Pompeia, e A Um Passo do Fim do Mundo, que aconteceu em 2001, no Tendal da Lapa.

Feira de publicações independentes

Junto à programação de filmes da mostra, no dia 23 de outubro, das 10h às 18h, o Belas promove uma feira de arte e publicações independentes, apresentando a produção de 18 expositores, entre artistas e editoras, que trazem obras e publicações em diversos formatos, como gravuras, desenhos, pôsteres, livros, zines e histórias em quadrinho, celebrando a estética e os pensamentos disseminados dentro do movimento.

Integram a feira os artistas: Madô Lopez (@vadya.project_), Mah Lima 77 (@mah.lima77), Márcio Encostinho (@encostinho), kikomics (@kikomics), Croxilo (@croxilo), Iran Costa (@iranxcosta), Felipe Salem (@salemfelipe), No Gods No Master (@_no_god_no_masters_), Baruq (@_baruq), Sobinfluencia (@sobinfluencia), Danielone (@danielonepresto), Print is not dead (@oitoart_bruno), Davi Rodrigues (@davirodriguesart), Biblioteca Terra Livre (@bibliotecaterralivre), André Araújo (@andrearaujoartista) e Natália Matos (@natalia_matosc_).

Belas Sonoriza

O Belas Sonoriza – programação mensal do Petra Belas Artes que traz um filme sonorizado ao vivo por uma banda convidada – traz para a mostra uma edição especial, com o filme Sid & Nancy – O amor mata no domingo, dia 23 de outubro, às 14h. O longa estrelado por Gary Oldman, conta a história conturbada de Sid Vicious, baixista dos Sex Pistols, que morreu aos 21 anos. O filme será sonorizado ao vivo por um dos ícones do punk nacional, Clemente Nascimento, vocalista do Inocentes e atualmente da Plebe Rude, ao lado de músicos convidados. Ingressos à venda!

Para trazer à tona o clima 77 do filme, Clemente & Electric Punk apresentam uma trilha sonora alternativa para o clássico cinematográfico. Além de Clemente, que assume a guitarra e alguns vocais, a banda conta com figuras carimbadas da cena underground paulistana: Johnny Monster (vocal/guitarra), que além de seu trabalho solo faz parte do Daniel Belleza & Corações em Fúria; Ronaldo Passos, guitarrista do Inocentes; Ed Avian (bateria), que já

tocou com Supla, Inocentes e Gritando HC; e Will Vazquez, baixista da banda Teorias do Amor Moderno. "Procuramos trazer o clima efervescente da época em que se passa a trama, uma história triste e sensível, um Romeu & Julieta moderno, cercado por drogas, som e fúria. Na trilha teremos The Stooges, The Undertones e, é claro, muito Sex Pistols!", conta Clemente, que também é responsável pela curadoria da trilha sonora.

O movimento punk

Surgido em meados da década de 1970 na Inglaterra e nos Estados Unidos, o movimento punk marcou de forma contundente as expressões culturais e políticas de uma parcela da juventude, influenciando o desenvolvimento de uma estética, de ideologias e comportamentos ligados à rebeldia, que existem até os dias de hoje.

Em 1977, na Inglaterra, bandas como Sex Pistols, The Clash e The Damned lançaram seus primeiros discos, estampando capas de revistas, promovendo turnês gigantes e chocando a sociedade ao entrarem nos lares ingleses pela televisão. Nos EUA, os Ramones foram a representação da insatisfação de uma juventude sem futuro, que lotava casas de show como o CBGB, verdadeiro celeiro do punk rock para o resto do mundo.

Não demorou muito para o punk desembarcar em terra brasileira. Existem registros dos primeiros punks em São Paulo ainda em 1978, apesar de o primeiro grande festival punk brasileiro – O Começo do Fim do Mundo –, ter acontecido em 1982, no Sesc Pompeia. Restos de Nada, Inocentes, Cólera, Ratos de Porão e Olho Seco figuram como as primeiras bandas de punk rock do Brasil

e as principais referências musicais e estéticas das bandas de rock nacional que estouraram na década de 1990.

Desde então, muita água rolou, muitas bandas surgiram, outras se desfizeram e, muitas vezes, o punk foi declarado morto. No auge de seus 45 anos, o punk já não é juvenil, mas não parece dar sinais de que irá morrer tão cedo.

Programação – Mostra de filmes

Quinta-feira 20/10

16h – A Um Passo do Fim do Mundo (93min)

18h30 – New York Dolls (4 min) Blank Generation (55 min) + Don't Need You (40 min) – 99 min sessão

21h – Rock'n Roll High School (93 min)

Sexta-feira 21/10

16h – Bob Cuspe – Nós Não Gostamos de Gente (90 min)

18h30 – The Filth and the Fury (103 min)

21h – Jubilee (104 min)

Sábado 22/10

16h – Éra Punk (25 min) + João Brandão Adere ao Punk (15 min) + Botinada: A Origem do Punk no Brasil (76 min) – 116 min sessão

18h30 – Two Sevens Clash (90 min)

21h – Suburbia (94 min)

Domingo 23/10

16h – Garotos do Subúrbio (43 min) + Punks (40 min) – 83 min sessão

18h30 – New York Dolls (4 min) + Punk: Attitude (90 min) – 94 min sessão

21h – The Warriors (90 min)

Segunda-feira 24/10

16h – Éra Punk (25 min) + João Brandão Adere ao Punk (15 min) + Botinada: A Origem do Punk no Brasil (76 min) – 116 min

18h30 – Punk in London (111 min)

21h – Class of 1984 (100 min)

Terça-feira 25/10

16h – Garotos do Subúrbio (43 min)

+ Punks (40 min) – 83 min sessão

18h30 – American Hardcore (100 min)

21h – The Return of the Living Dead (90 min)

Quarta-feira 26/10

16h – O Fim do Mundo, Enfim (113 min)

18h30 – The Decline of Western Civilization (100 min)

21h – Rude Boy (133 min)

Serviço

Desculpe aturá-los! 45 anos do punk

Quando: 20 a 26 de outubro de 2022

Onde: Petra Belas Artes

Endereço: Rua da Consolação, 2423

– Consolação – São Paulo/SP – Telefone: (11) 2894-5781

Mostra de filmes

Quando: 20 a 26 de outubro de 2022

Horário: 16h, 18h e 21h

Ingresso: R\$ 10 (meia-entrada) e R\$ 20 (inteira) ou passaporte para assistir todos os filmes R\$ 30 – Na bilheteria ou pelo site www.cinebelasartes.com.br

Exposição Expressões Rebeldes

Quando: 20 a 26 de outubro de 2022

Horário: 13h às 21h

Belas Sonoriza

Quando: 23 de outubro

Horário: 14h

Ingresso: R\$ 30 (meia) e R\$ 60 (inteira) – Na bilheteria ou pelo site

Feira de publicações independentes

Quando: 23 de outubro

Horário: 10h às 18h

Ingresso gratuito

NOSFERATU

REDAÇÃO

Uma das obras mais emblemáticas do cinema, *Nosferatu: Uma Sinfonia do Horror*, de F. W. Murnau, foi lançado em 1922 no auge do Expressionismo Alemão. Adaptação não autorizada do romance *Drácula*, de Bram Stoker, quase teve todas as suas cópias destruídas por ordem judicial, após processos movidos pelos herdeiros do autor.

Felizmente, o filme sobreviveu e tem agora seu centenário comemorado na Cinemateca Brasileira em sessão dupla com o remake realizado por Werner Herzog, *Nosferatu: O Vampiro da Noite*, lançado 57 anos depois do original.

Nosferatu: Uma Sinfonia do Horror conta a história do agente imobiliário Hutter, que numa viagem de negócios à Transilvânia depara-se com o temeroso vampiro Conde Orlok e seu interesse maligno pela esposa de Hutter, Ellen.

Com o uso de trucagens, sombras, distorções e maquiagem pesada, o filme cria um tom ameaçador e opressivo diante da praga que Conde Orlok espalha por onde passa.

O longa de Murnau foi considerado o melhor já feito na Alemanha pelo cineasta Werner Herzog, que por sua vez filmou sua própria versão-homenagem, lançada em 1979. Desta vez, com os direitos autorais de Stoker já expirados, pôde restaurar os nomes originais dos personagens e outros detalhes narrativos em um filme que incorpora nuances existenciais e de



Foto: Reprodução

ambiguidades simbólicas.

Friedrich-Wilhelm-Murnau-Stiftung em Wiesbaden.

Sinopses

Nosferatu: Uma Sinfonia do Horror (*Nosferatu: Eine Symphonie des Grauens*)

O agente imobiliário Hutter viaja para as montanhas da Transilvânia para vender um imóvel em sua cidade natal, Wisborg, para o sinistro Conde Orlok.

Após descobrir que o Conde é, na verdade, um vampiro, Hutter tenta impedir a onda de terror causada por ele. Enquanto isso, sua esposa Ellen percebe o perigo se aproximando de Wisborg.

Um filme de propriedade do

Nosferatu: O Fantasma da Noite (**Nosferatu: Phantom der Nacht**)

O agente imobiliário Jonathan Harker mora com sua esposa Lucy na cidade de Wismar. Um dia, viaja para as montanhas dos Cárpatos para fechar um contrato com o Conde Drácula, que deseja se mudar para uma propriedade próxima da sua.

Durante a mudança, Drácula espalha a praga por onde passa. Somente uma mulher com o coração puro pode parar seu reinado de terror.

PLAYMODE

REDAÇÃO



Foto: Divulgação

A palestra “O Estranho Mundo da Playmode Brasil: Sonoridades Lúdicas E Especulações Críticas Complexas”, com Patrícia Gouveia, acontece no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) na quarta-feira, 26, às 18h30, que integra a exposição interativa Playmode.

Playmode tem como objetivo expandir caminhos, mostrar obras de múltiplas proveniências e abrir um debate sobre a importância da cultura lúdica na sociedade do século XXI.

A exposição reúne 42 trabalhos de

artistas e coletivos de 9 países diferentes, que ocuparão do térreo ao 4.º andar e que nos convocam a pensar e a desmontar sistemas e, através deles, provocar modos de refletir criticamente a complexidade do mundo em que vivemos. A curadoria é dos portugueses Filipe Pais e Patrícia Gouveia.

A curadora Patrícia Gouveia partirá da mostra de obras em exposição no CCBB, que reúne artistas de várias proveniências do globo, para abordar questões relacionadas com sistemas

lúdicos, pensamento crítico, complexidade e resistência.

Serviço

Quando: 26 de outubro

Horário: às 18h30

Onde: Teatro CCBB | Rua Álvares Penteado, 112 - Centro Histórico de São Paulo, São Paulo - SP

Entrada gratuita – Ingresso na bilheteria do CCBB e no site bb.com.br/cultura

Classificação indicativa: 12 anos

"O QUE VOCÊ QUER SER QUANDO CRESCER?"

Não proteger a infância
é censurar o futuro.



MPT

Ministério Público do Trabalho

RESERVA

CULTURAL

ESTREIA DA SEMANA

De 20 a 26 . Outubro



SEGREDOS EM FAMÍLIA

RESERVA
CULTURAL

13h40 – 18h30

VEJA PROGRAMAÇÃO COMPLETA www.reservacultural.com.br

"ESGARES" E "FILHAS"

REDAÇÃO

Sopro Cia de Dança e Funarte apresentam nos dias 22 e 23 de outubro os espetáculos 'Esgares' e 'Filhas', na Sala Renée Gumiel, em São Paulo. Os ingressos podem ser adquiridos no site Sympla.

Esgares

Esgares trata de movimentos de corpo e gesto cômico da nossa vida cotidiana, aspectos ou jeito que o rosto assume em determinadas situações, sendo intencional ou involuntariamente, o trabalho se desenvolve em sequências

de movimentos em formas de trejeitos fisionômicos, mesclando nos limites da dança, teatro e poesia, formando um híbrido na arte, que é a miscigenação da cultura brasileira. A trilha sonora com canções de Edith Piaf imprime um tom emocional intenso à obra, que transita pelo universo lúdico e brincante das conversas mudas, porém expressivas dos bailarinos. Provocativa e original, tradicional rigor técnico, sem, no entanto, deixá-la vazia de conteúdo, de razão de ser, de um dizer próprio que só se diz pela linguagem da dança. Além

de visitar dança, teatro e poesia, seu universo artístico predileto, Roberto introduz neste trabalho a linguagem do Clown, aproximando ainda mais o público do espetáculo. Afinal, o Clown não é aquele que nos revela o que há de mais secreto, de mais ingênuo, de mais atrapalhado, de mais lírico e humano em todos nós, e por essa razão nos comove e nos faz rir?

Filhas

Falar da mulher. Porque não falar da mulher. Porque temos que avisar que

Imagem de divulgação



DANÇA

vamos falar da mulher. Mulheres são indigestas em um reinado patriarcal. Quem de fato sabe o que é ser mulher e o que isso representa? Falar do que se vê e se observa. Falar do que não se vê. O que não se vê se deduz ou todos sabemos mas fingimos não saber? Todos perdem com a desigualdade. Todos perdem com a falta de voz e liberdade. Ninguém deve ser excluído dessa luta, desse diálogo. Mulheres oprimidas, homens infelizes. Ninguém ganha com isso. Sobre a ótica dos símbolos mitológicos em várias culturas, como grega, judaico-cristã, africana o espetáculo FILHAS vale-se do elenco feminino da Sopra Cia de Dança, para expressar a essência da mulher, seja ela qual for. Fortes, intrigantes, resistentes, contos de amor, beleza, ciúme, dominação, revolta. A concepção é da Bailarina Ta-

tiana Portella, assinado pelo coreógrafo Roberto Amorim. As bailarinas dançam ao som de Bach numa obra repleta de movimentos fortes e impactantes que se misturam a leveza e harmonia das presenças femininas e todas as suas cicatrizes.

Ficha Técnica

Direção Geral: Roberto Amorim e Tatiana Portella

Concepção e Coreografia: Roberto Amorim

Bailarinos: Carolina Allegrini, Stella Facchetti, Micaela Obelar López, Isabela Rabadan, Lívia Ribeiro, Tatiana Portella, Roberto Amorim e Vitor Marvulle.

Iluminação e Som: Adeilton Conceição

Música: ESGARES – Edith Piaf

Música: FILHAS – Johann Sebastian

Bach

Participação Especial em FILHAS:

Juçara Amaral

Técnica JORAM: Roberto Amorim

Ballet Clássico: Tatiana Portella e Wanderlei Oliveira

Assistente de palco: Roberto

Portella e Wanderlei Oliveira

Gestora de Projetos: Isa Marques

Secretária: Fernanda Souza

Serviço

‘Esgares’ e ‘Filhas’

Dias 15, 16, 22 e 23 de outubro de 2022

Sábado, às 19h, Domingo às 18h

Local: Complexo Cultural Funarte SP

– Sala Renée Gumiel

Alameda Nothmann, 1058 –

Campos Elíseos, São Paulo – SP

Ingresso: não divulgado

Foto: Renato Hatsushi



STALKING

REDAÇÃO



Foto: Betania Dutra

No ambiente de trabalho, uma mulher começa a sofrer uma relação de assédio que transforma sua vida num verdadeiro conto de terror. A partir de relato documental, a atriz Livia Vilela traz para a cena a história de sua longa perseguição, revelando dispositivos do patriarcado que colocam as mulheres em constante risco de integridade física e psicológica. Stalking - um conto de terror documental faz temporada no Centro Cultural São Paulo a partir do dia 27 de outubro, quinta-feira, 20h30, e alinha documentos, dança, máscaras, animação de objetos e contos de fadas para fazer da cena uma experiência de

indignação e denúncia. O espetáculo tem codireção de Elisa Volpatto e Rita Grillo. No elenco, além de Livia, está Paulo Salvetti, que também assina dramaturgia.

Tomando como base essa história real, que se desenrola desde 2015, a escolha das diretoras foi a de trazer para a história camadas ficcionais que se relacionam com os contos de fadas, pensando em como essas histórias estabelecem situações de vulnerabilidade das mulheres. "Na nossa pesquisa, entendemos como a educação está a favor dos valores do patriarcado que são determinados desde sempre", diz

Elisa Volpatto.

A dramaturgia, assinada por Paulo Salvetti, parte do relato de Livia, explorando confluências entre o real e o ficcional. Na direção de Elisa e Rita, a impunidade recorrente concedida aos homens é evidenciada pelas figuras masculinas representadas por meio de formas grotescas com feições que se assemelham aos dos lobos das histórias infantis.

Áudios, canções enviadas pelo perseguidor, e-mails, troca de mensagens e documentos são exibidos ao longo do espetáculo como uma forma de dividir a leitura metafórica da encenação com

a crueza e violência da situação retratada.

A ideia de trazer duas diretoras para a peça tem a ver com o pensamento de novas estruturas que sejam também modos de agir contra o patriarcado. Essa escolha também se revela no restante da ficha técnica do espetáculo, que além de mulheres na direção, conta também com assistência de direção de Jackeline Stefanski Bernardes, trilha sonora original de Malka Julieta - inspirada pelo ambiente do terror, direção de arte de Beatriz Barros, iluminação de Gabriele Souza - cujo papel foi o de construir rupturas entre os ambientes fabulares da peça e a estética documental, produção executiva de Gabs Ambròzia e Corpo Rastreado, com provocação artística de Janaína Leite.

“Esse é um trabalho sobre as marcas deixadas no corpo de uma mulher.

É sobre o medo de falar por já se saber desacreditada. É sobre as potências interrompidas em razão de um masculino que se sobrepõe em todas as instâncias da vida. É sobre todo o caminho exaustivo a se percorrer por apenas querer dizer a verdade”, diz Livia.

Ficha Técnica

Atuação: Livia Vilela e Paulo Salvetti
Codireção: Elisa Volpatto e Rita Grillo
Assistência de Direção: Jackeline Stefanski Bernardes
Dramaturgia: Paulo Salvetti
Trilha Sonora Original: Malka Julieta
Direção de Arte: Beatriz Barros
Iluminação: Gabriele Souza
Provocação: Janaína Leite
Fotos Divulgação: Betânia Dutra
Fotos Ensaio: Anna Carolina Bueno
Assessoria de Imprensa: Canal Aberto

Identidade Visual: Orú Florydo
Operação de Som: Jess Silva
Operação de Luz: Sancler Pantano
Produção: Corpo Rastreado - Gabs Ambròzia

Serviço

Stalking - um conto de terror documental

27 de outubro a 6 de novembro, de quinta a sábado, 20h30 e domingos, 19h30

Grátis

No domingo 30/10 (segundo turno)
NÃO HAVERÁ espetáculo

Local: Centro Cultural São Paulo - Sala Jardel Filho | Endereço: Rua Vergueiro, 1000 - Paraíso, São Paulo - SP, 01504-000

Capacidade: 320 lugares

Duração: 90 min

Classificação indicativa: 16 anos

Foto: Betânia Dutra





Foto: divulgação

PRIMAVERA SOUND

REDAÇÃO

Ana Frango Elétrico e Tim Bernardes se apresentam na primeira edição do Primavera Sound São Paulo, que acontece do dia 31 de outubro até o dia 6 de novembro no Anhembi.

Nos dias 5 e 6 de novembro o evento acontece ao longo dos 400 mil metros quadrados do Distrito Anhembi e entre os dias 31 de outubro e 04 de novembro com vários shows na capital pau-

lista com o "Primavera na Cidade".

O Primavera Sound São Paulo antecipa o Primavera Sound Brasil São Paulo, com data prevista para 27 de abril de 2023.

Confira abaixo a programação completa.

Ingressos Early Birds

"Early Birds" são ingressos com

preços especiais e exclusivos, destinados aos fãs de músicas que conhecem e confiam na já consagrada curadoria do Primavera Sound e sua forma de construir sua programação.

Os Early Birds estarão disponíveis em uma cota limitadíssima de ingressos Passaporte (válidos para os dois dias no Distrito Anhembi, além da programação do "Primavera na Cidade") no dia

26/04, a partir do meio-dia simultaneamente pela internet no site eventim.com.br/primaverasoundsp e na bilheteria oficial (Estádio do Morumbi - bilheteria 5 - em São Paulo) até durarem no sistema.

Para adquirir, o fã precisará realizar obrigatoriamente um cadastro prévio (até às 23h59 do dia 24/04) no site primaverasound.com/pt/sao-paulo/landing-sao-paulo. Antes da venda e no mesmo e-mail, receberá um código único a ser utilizado no ato da compra, que terá a limitação de 2 ingressos por CPF.

Ingressos para público em geral

O público em geral poderá adquirir seus ingressos simultaneamente ao anúncio do lineup completo - já dividido por dias e pontuando as atrações do "Primavera na Cidade" - no dia 27 de abril. Os ingressos poderão ser adquiridos através do site (www.eventim.com.br/primaverasoundsp) e na bilheteria oficial (Estádio do Morumbi - Bilheteria

5 - em São Paulo).

O público poderá optar por dois tipos de ingressos, limitados até 6 por CPF:

- Passaporte, dividido em lotes

Válido para os dois dias no Distrito Anhembi, além da programação do "Primavera na Cidade"

- Primavera Dia 1 e Primavera Dia 2, dividido em lotes

Válido para o dia escolhido no Distrito Anhembi.

Primavera na Cidade

O Primavera Sound é um festival criado para a cidade e com a cidade. Ele é feito para todas as pessoas, com o objetivo de conectar, fortalecer e enriquecer a cultura local. Não se trata, afinal, do que a cidade pode fazer para o Primavera Sound e, sim, sobre o que o Primavera Sound pode fazer por cada cidade. A iniciativa "Primavera na Cidade" é o mais poderoso exemplo do nosso compromisso com o território

que nos acolhe, celebrando o melhor da música justamente nos espaços do ecossistema cultural local.

O Primavera Sound São Paulo não se resume somente ao Distrito Anhembi. Ao longo da semana, do dia 31 de outubro até 04 de novembro, o público contará com diversas atrações, em performances exclusivas. Serão mais de 30 shows, divididos em 3 espaços diferentes, passeando pelos mais diversos gêneros musicais, que inclui rock, pop, indie, trap, rap, R&B, MPB, techno, downbeat, funk e muito mais. Todos aqueles que adquirirem os ingressos Passaporte, além dos dois dias no Distrito Anhembi, terão a chance de assistir gratuitamente a todos esses shows, sujeito à lotação.

Os artistas que farão apresentações no "Primavera na Cidade" serão divulgados no dia 27 de abril. Fique ligado em todos os meios de comunicação oficiais do Primavera Sound São Paulo para informações de como se cadastrar

Imagem de reprodução



Ana Frango Elétrico



Tim Bernardes

Imagem de reprodução

para assistir aos shows, preços, locais e outras informações.

Entrada solidária

Além de opções de ingressos Inteira e ½ entrada, o Primavera Sound São Paulo, ciente do seu papel social, contará com a opção das Entradas Solidárias. Disponíveis tanto para clientes Early Bird, quanto público em geral, os valores possuem 45% de desconto em relação ao preço inteiro, com o acréscimo de R\$40,00, que serão destinados à ONGs. Mais informações em breve.

Programação

31 OUT - 4 NOV 2022

Bad Gyal · Boogarins · Céu · Cynthia Luz · Dead Fish · Fbc · Liniker · Jup Do Bairro · Ratos De Porão · Amaia · Ana

Frango Elétrico · Àvuà · Bebé · Benjamin Ferreira · Black Panthera · Brime! · Brvnks · Carolina Durante · Crypta · Deekapz · Merca Bae · Föllakzoid · Gab Ferreira · Juçara Marçal · Karen Francis · Lord Apex X El Lif · Mac Júlia · N.A.A.F.I (Debit + Fausto Bahia + Mexican Jihad) + Nyege Nyege (Authentically Plastic + De Schuurman + Mc Yallah & Debmaster + Turkana) · Molho Negro · Peroli · Sangre Nueva (Dj Python B2b DJ Florentino B2b Kelman Duran) · Sidoka · Teto Preto · Tuyo · Urias · Valentina Luz · Vhoor

5 NOV 2022 · DISTRITO ANHEMBI

Arctic Monkeys · Björk · Beach House · Interpol · Mitski · Boy Harsher · Helado Negro · José González · L7nnon · Liniker · Seth Troxler · Sevdaliza · Shygirl · Amaia · Badsista · Beak> · Caroli-

na Durante · Cashu B2b Isabella · Giovani Cidreira · John Talabot B2b Nicolas Lutz · Jonathan Ferr · Josyara · Los Planetas · Luccas Carlos · Sangre Nueva (Dj Phyton B2B DJ Florentino B2b Kelman Duran) · Santiago Motorizado · Tasha & Tracie · Tim Bernardes · Valesuchi

6 NOV 2022 · DISTRITO ANHEMBI

Travis Scott · Lorde · Arca · Charli XCX · Father John Misty · Phoebe Bridgers · Bad Gyal · Caroline Polachek · Chai · Hermeto Pascoal · Japanese Breakfast · Jessie Ware · Joy Orbison · Jpegmafia · Mc Dricka · Raveena · Amaro Freitas · Crystallmess · Don L · Föllakzoid · Gop Tun · Jovem Dionísio · Julia Mestre · Maglore · Medulla · Selvagem · Señor Coconut And His Orchestra · Tayhana · Terno Rei · UNIIQU3 · VTSS B2B LSDXOXO

ATAQUE SONORO

REDAÇÃO

Lançada em 1985 pelo selo Ataque Frontal e idealizada por Renato Filho (dono da gravadora) e por Redson (Cólera), a histórica coletânea punk Ataque Sonoro só chegou em casa por volta de 88 e foi um disco que deu uma entortada na cabeça de alguém que ainda via o mundo por uma pequena fresta entre os sonhos e a vontade de realizá-los.

Por algum motivo desconhecido, esse é um disco pouco reverenciado quando o assunto é o início do punk no Brasil. Talvez porque não fosse tão início assim, já que o Grito Suburbano foi lançado em 1982, e o SUB e O Começo do Fim o Mundo foram em 1983. Mas isso não faz do Ataque Sonoro menos importante. Pelo contrário, é um registro

que mudou a nossa percepção e inseriu de vez o punk no nosso dia a dia.

Além de nomes já atuantes no movimento punk, Ataque Sonoro trouxe um grande número de bandas para linha de frente do punk, cada uma delas com sua peculiaridade. Era fácil cantar a história narrada pelo Espermogramix em "Trabalhadores Brasileiros":

Serviço nunca rende

Parece uma batalha

O cansaço sempre aumenta e a hora ultrapassa

Às sete ele larga pra pegar o trem bendito

E a noite ele reza que não seja despedido.

Atual, né? Também presente na história de uma cidade como São Paulo, que acolhe de um lado e desabriga de

outro, "Mortos de Fome", do Armagedom, também sempre foi uma de nossas preferidas e seu refrão já entoado por diversas vezes durante todos esses anos.

Favelas e barracos, Mortos de Fome

Roupas esfarrapadas, Mortos de Fome

Nenhuma expressão, Mortos de Fome

Vidas enganadas, Mortos de Fome

Tirando o Lobotomia, que vinha ganhando atenção, o Ratos de Porão e o Cólera, que eram talvez mais conhecidas do público, o Garotos Podres já tinha um certo status na cena. Até hoje, "Subúrbio Operário", gravada anos depois no disco Pior que Antes (88), é um clássico daquele, e do nosso tempo. Es-

Foto: Sounds Like Us



pecialista em compor hinos atemporais, para o Ataque Sonoro a banda gravou “Anarquia” e “Eu Não Sei O Que Quero”. Ambas já mostravam que o futuro do Garotos Podres seria forjado em uma eloquência lírica e muito respeito dentro do punk.

Para lembrar um pouco de como foram aqueles dias e reviver a importância desse clássico, conversamos com Pobreza, do Grinders; Javier, do Armagedom; João Gordo, do Ratos de Porão, e pra começar, um dos grandes pensadores do punk, Mao, do Garotos Podres.

Mao (Garotos Podres)

Mao, como rolou a participação do Garotos Podres na coletânea? Quais eram os seus sonhos naquele tempo e o que você queria conquistar com a banda?

Estávamos em 1985. Tínhamos acabado de gravar e lançar o nosso primeiro álbum, o Mais Podres do que Nunca. Quem produziu este álbum [Ataque Sonoro] foi o Redson, do Cólera. O Renato Filho e o Redson eram parceiros na Ataque Frontal, e nos propuseram a participação, com duas faixas, na coletânea que eles então estavam idealizando. Deixamos a escolha das faixas por conta deles e até hoje me lembro de onde foi a reunião para acertar dos “detalhes” da participação. Foi numa pastelaria, próximo das Grandes Galerias, ao lado do Largo do Paissandu, no térreo do prédio onde antigamente ficava a Ordem dos Músicos. Lembro de estarem presentes, nesta ocasião, integrantes de algumas bandas que participaram do projeto. Na época achamos este projeto interessantíssimo. Como éramos aficionados por diversas coletâneas de bandas oi e punks da Europa, achamos que o Ataque So-

noro era uma excelente oportunidade de divulgação de todas as bandas envolvidas.

As letras sempre foram um diferencial de vocês, que flutuavam em um território de conscientização e ironias inteligentes dentro de um cenário voltado para a classe trabalhadora, ainda que isso não limitasse o ouvinte a esse nicho. Você acredita que, no caso do Garotos Podres, o formato coletânea foi importante para que vocês conseguissem compartilhar com o público o conteúdo lírico da banda? Você acha que as letras de “Anarquia” e “Eu Não Sei O Que Quero” colaboraram para a criação de um público questionador ou seria exagero enxergar por esse lado?

Sempre considerei os Garotos Podres como um instrumento de intervenção política. A banda surgiu durante os últimos estertores da Ditadura Militar e vivíamos um período de ascensão dos movimentos sindicais e populares. Como estudante secundarista, fui testemunha participativa de todo este processo político, e para mim a música nada mais era que uma forma de dar ritmo às ideias. Neste sentido, a gravação do Mais Podres do que Nunca e a participação na coletânea Ataque Sonoro eram fundamentais em nossas atividades, que poderíamos classificar tecnicamente como de “Agitação e Propaganda”. Este álbum e a coletânea contribuíram para ajudar a disseminar a nossa mensagem para os quatro cantos do mundo.

Você possui Bacharelado e Licenciatura em História e mestrado e doutorado em História Econômica pela USP, entre outras coisas. Se você contasse isso pro Mao lá de 85, o que ele diria? Até que ponto você pode creditar isso ao punk?

Acho que nunca fui muito “normal”

(risos). Desde pequeno, era tão “xarope” que gostava de ir para a escola, gostava de estudar, ler, etc... Desde criança comecei a me interessar por História e por Política, creio que de tanto ouvir em casa as intermináveis conversas do Tio Pepe, tio de meu pai, sobre a Guerra Civil Espanhola. Eu ficava admirado diante da firmeza de suas convicções. Adorava quando ele – com a face visivelmente ruborizada e exprimindo um olhar visivelmente incendiário – defendia coisas como o fuzilamento de padres e freiras (risos).

Se voltasse no tempo, acho que não me surpreenderia em ter ingressado na universidade para estudar História, já que desde pequeno eu gostava de tal disciplina e de estudar. Creio que somente ficaria admirado por ter “ido tão longe”, feito pós-graduação. Acho que em 1985 eu acreditaria que conseguir terminar uma graduação já seria de bom tamanho. Não saberia dizer pra vocês até que ponto o meu ativismo no seio do punk rock através dos Garotos Podres pode ter influenciado em minhas opções acadêmicas. Creio que estas opções foram gestadas anteriormente, e poderia citar um pequeno exemplo.

Quando tinha uns 8 anos de idade, estava o meu pai e o tio dele numa de suas intermináveis conversas. Num certo momento meu pai fez algumas críticas negativas em relação à Cuba. Tio Pepe ficou encolerizado. Não apenas rebateu as críticas, como também utilizou-se de um argumento irrefutável dirigido ao meu pai: “Você não pode falar mal de Cuba, porque lá há muitos Galegos, inclusive Fidel, cujo pai é de Lugo”. Resultado: cresci com a convicção de que em Cuba só havia Galegos e que Fidel era alguém familiar, pelo fato de o

pai dele ser da mesma província e comarca de meus avós paternos (risos).

Curiosamente, no movimento punk tive contato com pessoas “politicamente moderadas” se comparadas com algumas com quem convivi na infância, em meu seio familiar. Apesar disto, creio que o punk rock contribuiu como oportunidade de poder atuar politicamente, contribuindo assim para a consolidação de minha formação política. Inegavelmente, Ataque Sonoro foi um disco que contribuiu e muito para mudar, ou reformular, estética, política e musicalmente, o pensamento e a visão de muita gente.

Javier (Armagedon)

Em matéria de agressividade e barulho, o Armagedon era uma das bandas que dava aula. Formada em 1982, numa primeira audição, foi uma das mais difíceis de digerir. Mas isso era bom, porque era um barulho provocador e intrigante.

“Super Projetos” e “Mortos de Fome”, registradas a coletânea, são músicas poderosas, daquelas pra gritar a plenos pulmões a cada estrofe. Os caras estão na ativa até hoje, mantendo o nome do Armagedon entre uma das maiores forças punk brasileiro.

Conversamos com Javier, guitarrista da banda, para saber mais sobre esse importante momento da banda e sobre a coletânea que mudou a nossa, e a vida de tanta gente dentro do punk.

O Ataque Sonoro é a primeira experiência de vocês em estúdio, certo? Como foi participar do disco e quais lembranças vocês têm da época?

Bom, a banda começou entre 1983 e 1984. Em 1984 decidimos ir para o estúdio e fazer uma gravação por nossa conta. Na época, escolhemos o estúdio

Eldorado, que gravava em oito canais e tinha um preço bom. Éramos uma banda nova e tudo era novo e difícil; instrumentos, equipamento, grana, tudo era complicado. Mas mesmo assim gravamos uns 12 sons em oito horas, fizemos uma mixagem e partimos para buscar alguém para lançar esse material. Depois de um tempo, o Redson conversou conosco a respeito do Ataque Sonoro. O Lobotomia havia sugerido incluir a gente no disco no lugar do Olho Seco, que havia desistido, e como já tínhamos o material gravado ficou bem fácil. Escolhemos “Mortos de Fome” e “Super Projetos”, e assim entramos.

Acho que a participação na coletânea foi um marco importante na história da banda. Primeiro porque foi o primeiro registro gravado, segundo porque a coletânea teve uma repercussão importante tanto na época como depois. E depois desse tempo todo, é possível ver como esses dois sons repercutem bastante entre a galera. Uma das maiores marcas do Armagedon é o tema de desgraças e miséria que sentíamos no cotidiano do país, assim como a exploração, corrupção e ganância do poder, e muita gente se identificou com as ideias da banda no Ataque Sonoro. É uma marca bem própria que aparece no disco e em todos os trabalhos seguintes. Graças ao Ataque Sonoro, conhecemos muita gente de muitos lugares. Também garças a este disco, conseguimos um selo para lançar o nosso primeiro LP, Silêncio Fúnebre, no ano seguinte. Então foi um dos mais importantes marcos na história da banda.

Na época, dava pra ver que o som de vocês tinha base forte no punk, mas já trazia algumas coisas de metal. Na gringa, bandas como o English Dogs, que logo na sequência do Mad Punx lançou

o To the Ends of the Earth, já faziam essa mistura, que não foi muito bem vista por aqui logo de início. Como foi fazer parte de uma coletânea punk em uma época em que os estilos eram muito bem delimitados? Punk era punk, metal era metal, gótico era gótico e por aí vai...

O Armagedon era e ainda é uma banda punk. As nossas raízes, os temas, as influências são de bandas originalmente punks. No início, as influências eram bandas como Discharge, Disorder, Chaotic Discord, GBH, Chaos UK, Rudimentary Peny, Eu's Arse, Terveet Kadet, Riistety. Mas nós ouvimos as mudanças no som de bandas como o Discharge, English Dogs, Onslaught (era uma banda punk), Riistetyt, e isso também nos influenciou muito. Muita gente não gostava, mas isso nunca nos intimidou. Nosso objetivo nunca foi seguir uma linha fácil, seguíamos a linha de que gostávamos e desse modo continuamos até hoje. O mais importante é que o nosso som sempre foi feito de uma forma verdadeira; talvez não uma forma fácil de se digerir, mas era o que realmente queríamos fazer! Na época do Ataque Sonoro, o som era bem cru e bem punk, acho que essas marcas que vocês mencionaram apareceram mais depois no nosso LP Silêncio Fúnebre.

“Super Projetos” e “Mortos de Fome” ainda são letras bem atuais. Sempre foi uma característica do punk a preocupação em fazer das letras um meio de conversa igualitária entre banda e público. Quem foram as pessoas que influenciaram vocês e compor letras como as duas registradas no disco?

Na época, ouvíamos muito as bandas inglesas e europeias, e me chamava a atenção como eles falavam da guerra. Aqui no Brasil a guerra era algo muito distante, então eu não via razão para



Foto: Sounds Like Us

falar de algo assim tão distante. No nosso ponto de vista, a miséria, falta de perspectivas, exploração do ser humano, corrupção, descaso governamental e ditadura eram temas sérios, importantes, presentes e muito mais relevantes para nós e as pessoas daqui. Então essa foi a nossa base para todos os sons que fizemos nessa época do Ataque Sonoro. Outros músicas que foram gravadas na mesma época falam de exploração ("Dinheiro e Poder"), dívida externa do Brasil ("Dívida Externa"), tragédias em alagamentos ("Gritos de Dor"), miséria da seca no Nordeste ("Torturam os Pobres"), alienação do povo ("Total Alienação"), corrupção/poder/ exploração ("Políticos, Militares, Religiosos"). Posso dizer que foi uma marca nossa. Nossa referência foi a realidade que víamos e vivíamos.

João Gordo (Ratos de Porão)

O Ratos de Porão carrega até hoje a alcunha de ser uma das melhores quando o assunto é o bom barulho produzido pelo punk/ hardcore mundial.

O R.D.P sempre foi uma banda a frente e sempre procurou seguir pela estrada mais extrema do punk, flertando já naquela época, com o hardcore e mais tarde com o thrash metal e até o grindcore/ powerviolence, em músicas como "Caos", por exemplo. Ao lado de nomes como Krisiun e Sepultura, o R.D.P sempre foi uma das bandas mais conhecidas e respeitadas fora do país.

Em um papo rápido, João Gordo falou contou um pouco sobre suas impressões daquele período, algumas lembranças e histórias que ajudaram a definir a importância de um dos discos mais importantes do punk.

É inquestionável a importância do SUB e do Começo do Fim do Mundo como marcos do início do punk no Brasil. Mas sobre o lugar do Ataque Sonoro, o que você acha que ele trouxe de bom para o punk brasileiro?

O Ataque Sonoro colocou outras bandas no circuito punk/ hardcore. Nomes como Lobotomia, Desordeiros, Virus 27 e Grinders fizeram um ótimo debut. [O disco] Consolidou a cena, mas aquela época era a maior merda. Treta pra tudo que é lado. A festa de lançamento do disco no Radar Tantan foi destruída por um careca idiota com uma suástica de canetão piloto no curuto. O cara jogou a bateria na plateia, acabando com o show.

O que significou para o Ratos de Porão fazer parte de um registro desses sendo que vocês já tinham experiência em estú-



Mao, da Garotos Podres

Foto: divulgação

dio por terem gravado o Crucificados Pelo Sistema?

Lembro que eu estava fora da banda e o Redson (Cólera) não queria que eu voltasse. Ele disse “se o Gordo voltar, vocês estão fora”. De pirraça, o Jão me aceitou de volta. Fomos prejudicados na gravação. Nessa época o Lobotomia era a banda da vez.

O Ataque Sonoro é o único registro oficial com essa formação que trazia o Betinho na bateria, certo?

Sim, o único!

Qual é a sua memória em relação a gravação das versões de “Condenado” e “Cérebros Atômicos”?

Cara, lembro que a gente nunca ensaiava! O Jão me passou os sons já no estúdio e nossa gravação ficou uma bosta.

Pobreza (Grinders)

Dentro das boas lembranças que essa iniciação no punk traz, fica impossível não citar o Grinders, do ABC paulista, uma das mais “novas” dentre as bandas que participaram do disco.

“Skate Gralha” foi uma música importante pra gente. Fez a trilha de muito rolê de skate da molecada da época. Ao lado de “California Uber Alles”, do Dead Kennedys, e de “Surfin Bird”, do Ramones, era uma das mais tocadas nos toca-fitas para o rolê ficar ainda melhor. Enquanto o sul tinha o Replantes bradando “Surfista Calhorda”, São Paulo tinha “Skate Gralha”, um hino que até hoje flutua no consciente e inconsciente de quem esbarrou com o punk naqueles dias.

E nem só do carrinho vivia o Grinders. A letra de “Como é que Pode”

também foi uma escola e tanto. Até hoje ela reverbera e rebusca algumas das nossas melhores lembranças em relação a esse disco, e a tudo o que o punk significa. Por esse, e outros motivos, poder conversar com o Pobreza, vocalista do Grinders, e conhecer melhor suas histórias, foi uma grande realização.

Quando o disco foi lançado, a primeira coisa que chamou nossa atenção lá foi que o Grinders era uma banda que, já com aquelas duas músicas, conquistava o(a) ouvinte rapidamente. Como aconteceu o convite para vocês entrarem no Ataque Sonoro?

A gente não se preocupava muito com visual. O que sempre valeu é o conteúdo. Por total influência do skate, nosso som sempre teve muito do hardcore californiano. Em Sampa (SP), na época, tínhamos uma forte influência da galera que ouvia muito sons da Europa. Era o que rolava demais. Não sei como o Redson nos achou, mas o Renato disse que algum amigo em comum mostrou nossa fita demo e aí a Ataque Frontal chegou no Grinders.

Sounds: “Skate Gralha” é clássico absoluto. A galera ia pra rua com aqueles toca-fitas grandes e tocava essa música como trilha do rolê de skate do dia. Vocês ficaram confortáveis com a classificação do Grinders como sendo uma banda de skate punk?

“Skate Gralha” está em muitos países pelo mundo. Participamos com esse som em vários vídeos de skate e isso nos impulsionou mesmo, animal! No começo rolou meio que esquisitão. Era um novo rótulo, sei lá, mas era o que de repente nos fez ser diferente. Em alguns casos nos ajudou, e em outros levamos cusparadas (risos). Na época, para alguns punks, skate era coisa de boy. Mas



Foto: Divulgação

foda-se! Falem mal ou falem bem, somos Grinders skatepunx!

Vocês eram uma banda nova. Sem contar as demos, o primeiro registro oficial de vocês foi o Ataque Sonoro, certo? Como foi pra vocês, ainda jovens, participarem do álbum? Depois vocês regravam "Skate Gralha" no primeiro disco. Vocês não gostaram da gravação feita para a coletânea?

Foi uma coisa bem legal. Entramos na cena, tocamos em vários lugares, conhecemos muitas pessoas que se tornaram amigas, bandas e mais bandas de tudo que era lugar. Inspiramos muitas pessoas a tocarem, a fazer um som, montarem uma banda e deve ser por isso que estamos sempre prontos pra tocar. "Skate Gralha" agora está na sua terceira versão. A primeira foi no Ataque Sonoro, a segunda no LP Grinders, e a

última está na internet, em um videoclipe muito louco filmado em São Bernardo "Campom" comemorando 25 anos da música. Fizemos uma homenagem ao nosso inspirador, nosso skate gralha Jeff Cocon Marcos Aurelio, amigo das antigas e nosso eterno gralha.

Traçando um paralelo entre gravação e o conceito por trás do que foi esse registro, Ataque Sonoro é um disco que, não só consolidou de vez o punk brasileiro, mas também encarnou a realidade feia, tosca, e com poucos recursos. Um punk dono de uma vontade genuína de levar até as últimas consequências os ensinamentos do DIY. Foi também uma fotografia fiel do cenário político e opressor de um tempo regido por militares e isso, claro, não tinha como ser bonito.

Antes de uma análise musical e esté-

tica, é importante lembrar que o punk dessa época era, além de um movimento, o espelho de um tempo doente. Nesse contexto, não era de esperar um posicionamento diferente de quem fez parte de tudo isso.

Hoje, usar tatuagens, piercings e calças rasgadas é algo comum. No início dos anos 80, você seria considerado marginal e poderia até ser preso por isso. Já imaginou? A mesma camiseta do Ramones, que vende desenfreadamente em grandes lojas de departamentos e circula pelas passarelas da moda, naquela época poderia te levar para delegacia.

Muito se deve ao punk brasileiro. Muito se deve às bandas que participaram desse registro há 30 anos atrás. A gente agradece.

Fonte: slikeus.com/

An aerial photograph of a coastal town nestled at the base of a large, forested hill. A multi-lane highway curves along the side of the hill, with several vehicles visible. The town features numerous small buildings and houses. In the background, a body of water is visible under a clear sky. A large, teal-colored curved shape is overlaid on the left side of the image, containing the text.

A Arteris está de cara nova

E sempre em
movimento

TRAVESSIA

REDAÇÃO

Este projeto nasceu a partir de uma viagem a Cabo Verde feita por Felipe Oládélè em 2019, antes da pandemia. No país africano, constituído por dez ilhas e cinco ilhotas, situado a 650 quilômetros da costa senegalesa, o ator, dramaturgo e dançarino participou de uma residência artística sobre as danças locais. Esse encontro do artista com a cultura e a população local teceu a dramaturgia de Travessia, que estreia agora no Sesc Pompeia, no dia 26 de outubro de 2022, e segue em cartaz até 18 de

novembro.

Essa versão apresentada na capital paulista teve inúmeras alterações desde sua estreia em Belo Horizonte, em 2021. “A corporalidade, a música, a dramaturgia continuam, mas nesta mudança trago mais a palavra. Quero estabelecer um diálogo mais reto e penso para quem eu quero falar de forma mais objetiva sobre a relação do negro com seu lugar e seu espaço”, revela Oládélè.

Como o nome sugere, Travessia par-

tiu de uma viagem, um deslocamento para um país africano, mas também trata de sua volta e reencontro com o Brasil com outra perspectiva. Oládélè diz que, nesse sentido, o espetáculo também trata de uma travessia interna, por lançar questionamentos ao que observa aqui.

“Eu coloco o dedo nas minhas próprias questões. Sempre falamos que desejamos mais o coletivo, mas o dia a dia nos coloca em situações muito individualistas. Isso tem vazado

Foto: Allan Callisto



no fazer artístico, com desejos criados pelo capital. O espetáculo quer criar possibilidades de diálogo com o outro a partir dessas perguntas que ressoam em mim”, coloca o ator.

Em Travessia, Felipe Oládélè recebe o público na porta do teatro, com conversa e quitutes mineiros que são oferecidos a quem chega. É dessa maneira próxima que a dramaturgia entra em seus principais pontos: a leitura do passado, da estrutura social que se repete certos padrões. Misturados a essa fala, há ainda as sensações trazidas de Cabo Verde e sua ancestralidade de Serra Leoa.

Nesse percurso, Oládélè mostra como é urgente entender o passado, compreender o agora e projetar uma possibilidade de futuro. Produzir novas memórias, novas imagens e novas pon-

tes para a subjetividade.

Felipe Oládélè é ator, dramaturgo, rapper e dançarino. Fundou a Companhia Negra de Teatro, em 2015, em Belo Horizonte, e circula com o espetáculo Chão de pequenos, direção de Zé Walter Albinati e Tiago Gambogi. Também criou para o grupo a performance Invisibilidade social. Atuou, dirigiu, escreveu e produziu a trilogia REVIDE com três obras digitais: A partir daqui, Aquilombamento Digital e EVOCO. É criador do Project Atlantics, que tem como primeiro trabalho o filme PAPIAMENTO uma produção Brasil – Cabo Verde. Desde 2017, atua também no espetáculo PRETO da companhia brasileira de teatro, com direção de Marcio Abreu. No cinema, atuou em filmes como Apto 420 (Dellani Lima), Velhoeste (Thiago Taves Sobreiro) e

Coiote (Sérgio Borges). Dirigiu e atuou no curta Wanderlust, assinado pela Companhia Negra de Teatro. Em 2022, atuou na série Rota 66, da Globoplay. Em 2021, lançou seu primeiro single como rapper Chamado para Aquilombar.

Serviço

Travessia

Espaço Cênico – Sesc Pompeia (Rua Clélia, 93 – telefone: 11-3871-7700)

Indicação: 14 anos

De 26 a 28 de outubro, de quarta a sexta, às 20h30

De 1 a 18 de novembro, terça a sexta, às 20h30*

*Nos dias 2 e 15, a sessão acontece às 17h30.

Ingressos: R\$ 9,00 (credencial plena); R\$ 15,00 (estudante); R\$ 30,00 (inteira)

Foto: Allan Callisto



CONTE COM NOSSO TIME PARA CUIDAR

Do seu Negócio



ÊXITO

(11) 4419-0951



Crédito: Beto Ricardo/ Acervo Instituto Socioambiental

XINGU

REDAÇÃO

Primeiro grande território indígena demarcado no Brasil, em 1961, o Xingu é a casa de sociedades tradicionais que enfrentam há séculos diversas formas de intervenção e violência e inspiram a luta por direitos dos povos originários. Ainda alvo de disputas e ameaças, o território, localizado no estado do Mato Grosso, é habitado atualmente por mais

de 6 mil indígenas, de 16 etnias.

Essa trajetória de lutas e resistências é revisitada na exposição Xingu: contatos, que o Instituto Moreira Salles apresenta, em sua sede de São Paulo (av. Paulista, 2424), a partir de 5 de novembro (sábado). A equipe de curadoria é formada pelo cineasta Takumã Kuikuro, diretor de documentários como As

hiper mulheres (2011), pelo jornalista Guilherme Freitas, editor-assistente da serrote, revista de ensaios do IMS, e pela assistente de curadoria Marina Frúgoli.

Com entrada gratuita, a mostra apresenta múltiplas narrativas e olhares em torno do território, tendo como destaque a produção audiovisual indígena contemporânea, que tem no



Crédito: Takumã Kuikuro/ Acervo do fotógrafo

Xingu um de seus principais polos. O conjunto inclui seis curtas-metragens, feitos especialmente para a exposição, de autoria de Divino Tserewahú, Kamatxi Ikpeng, Kamikia Kisêdjê, Kujães-age Kaiabi, Piratá Waurá e do Coletivo Kuikuro de Cinema.

A exposição traz ainda um trabalho inédito do artista Denilson Baniwa, fotografias produzidas pelos comunicadores indígenas da Rede Xingu +, e um mural, com grafismos alto-xinguanos, criado pelo artista Wally Amaru na empena de um prédio na rua da Consolação.

Também são exibidos imagens, reportagens e outros documentos produzidos no Xingu por não indígenas desde o final do século 19. O conjunto

inclui desde registros de viajantes europeus, passando pela documentação de expedições do Estado brasileiro até a cobertura da imprensa durante a campanha pela demarcação do Parque Indígena do Xingu, decretada em 1961. Na mostra, essas imagens são confrontadas pelas produção de artistas e comunicadores indígenas, num processo de diálogo, contraste e elaboração de novas perspectivas.

Fruto de dois anos de pesquisa, a seleção apresenta cerca de 200 itens. Os materiais provêm do acervo de diferentes instituições, como o próprio IMS, o Instituto Socioambiental (ISA), o Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia da PUC Goiás, o Museu do Índio e a ONG Vídeo nas Aldeias, entre outras.

As imagens de acervo passaram por um processo de requalificação, conduzido em diálogo com pesquisadores e lideranças indígenas, para identificar pessoas, locais e situações.

Segundo Takumã Kuikuro, as narrativas em torno do Xingu sofreram muitos apagamentos, sendo preciso reforçar o protagonismo das lideranças indígenas na luta pela demarcação do parque e na diplomacia com os brancos. A exposição parte do objetivo de evidenciar esse ativismo e também de destacar a importância do audiovisual no território atualmente, como aponta o co-curador: “Hoje nós somos protagonistas da nossa história. Antes não conhecíamos o audiovisual, agora conhecemos. Somos donos da

nossa imagem e levamos as lutas dos povos do Xingu para museus, festivais, cinemas, redes sociais e exposições. Não existiu só um contato entre indígenas e não indígenas. O contato acontece o tempo todo, hoje e amanhã, e acontece também através do audiovisual. Queremos contar nossa história para que os não indígenas possam reconhecer e ensinar aos seus filhos o protagonismo dos povos indígenas do Xingu e de todo o Brasil.”

O cocurador Guilherme Freitas também destaca que, para evidenciar essas novas narrativas, é preciso reavaliar a forma como os acervos das instituições são catalogados e exibidos. “Parte da história do Xingu está registrada em

fotografias sob a guarda do Instituto Moreira Salles. A exposição é o marco inicial de um processo de requalificação desse conjunto de imagens, com a colaboração de pesquisadores e lideranças indígenas, por meio da identificação de pessoas, locais e situações retratadas. Buscamos, assim, colocar o acervo a serviço da reflexão crítica sobre a representação dos povos originários na história do país e do desenvolvimento de novas formas de autorrepresentação indígena”, afirma.

A exposição ocupa dois andares do IMS. No primeiro, estão os seis curtas-metragens comissionados a artistas e comunicadores indígenas. Com ênfase na linguagem documental, os curtas

tratam de questões como a preservação das culturas, o desmatamento e a luta por direitos.

O cineasta Piratá Waurá, por exemplo, apresenta um curta sobre a gruta de Kamukuwaká, considerada sagrada por seu povo, que ficou de fora do território demarcado. Os entrevistados no vídeo denunciavam as ações de desmatamento e vandalismo que acontecem no local, reforçando a importância de preservá-lo. Já em Comunicadores da floresta, Kamikia Kisêdjê reúne imagens aéreas que mostram desde as florestas e aldeias do Xingu até as queimadas, o desmatamento e as plantações de soja que avançam sobre o território indígena no local. A comunicadora Kujãesage

Foto: reprodução



Frame do curta A câmera é a flecha, 2022. Coletivo Kuikuro de Cinema

Kaiabi registra a devolução ao seu povo de imagens antigas de uma liderança histórica, Prepori Kaiabi, e mostra o impacto dessas memórias no dia a dia da aldeia.

A inserção do audiovisual nas comunidades indígenas, tanto como instrumento de preservação de saberes e tradições quanto como ferramenta de autorrepresentação, é um dos temas centrais dos filmes. Em Kamatxi cineasta, Kamatxi Ikpeng mostra a importância das ferramentas audiovisuais para as lutas atuais dos Ikpeng. Em A câmera é a flecha, Takumã Kuikuro e o Coletivo Kuikuro de Cinema repassam duas décadas de atuação nas aldeias de todo o Xingu e em festivais ao redor do mundo. Em Somos cineastas, Divino Tserewahú reúne depoimentos sobre o papel do audiovisual na cultura Xavante. Um dos pioneiros do cinema indígena no Brasil, Divino participou da primeira oficina do Vídeo nas Aldeias no Xingu, em 1997.

O primeiro andar apresenta ainda dois itens de arquivo que ilustram os caminhos do audiovisual na história do Xingu. Um curta-metragem produzido pelos alunos da primeira grande oficina do projeto Vídeo nas Aldeias, realizada em 1997 no Posto Diauarum, no Território Indígena do Xingu. E uma seleção do acervo pessoal de Pirakumã Yawalapiti, liderança histórica que tinha o hábito de filmar assembleias, rituais e festas desde os anos 1990.

No segundo andar da exposição, o público encontra uma perspectiva histórica do território. São apresentadas desde as primeiras fotografias feitas na região, durante a expedição do etnólogo alemão Karl von den Steinen na década de 1880, passando pela

digitaltvmidia.com.br/kultura

Sexta-feira, 21 de outubro de 2022



Watatakalu Yawalapiti, 2019

Crédito: Sitah. Acervo da fotografia

documentação realizadas pelo Estado brasileiro na primeira metade do século 20, com a Comissão Rondon e o Serviço de Proteção ao Índio, até chegar à cobertura da imprensa da Expedição Roncador-Xingu, sobretudo pela revista O Cruzeiro, com os fotógrafos Jean Manzon, José Medeiros e Henri Ballot - os arquivos de Medeiros e Ballot estão sob a guarda do IMS.

Neste núcleo, as imagens produzidas pelos não indígenas são intercaladas e interrogadas por filmes e fotografias

de artistas indígenas. O artista Denilson Baniwa assina um trabalho criado a partir das reportagens da revista O Cruzeiro, questionando a representação das culturas indígenas na imprensa brasileira. Uma narrativa tradicional Kuikuro traz o ponto de vista dos xinguanos sobre a chegada dos não indígenas à região.

São exibidas ainda fotos e documentos que registram a presença do cacique Raoni Metyktire e de outras lideranças xinguanas durante os de-

bates da Constituinte, em 1987 e 1988. Os materiais apresentados reforçam como o Xingu se tornou um marco e símbolo da resistência indígena, servindo como referencial para outras demarcações.

Para evidenciar os protagonistas da história do território, em uma das seções da mostra, haverá uma série de retratos de lideranças que tiveram uma importante atuação na defesa do território, como Narru Kuikuro, Prepori Kaiabi e Aritana Yawalapiti. Junto às imagens dessas figuras históricas, serão exibidos retratos de lideranças e articuladoras femininas atuais, como Mapulu Kamayurá, Watatakalu Yawalapiti e Sangain Kalapalo.

Outro destaque são os registros da vida dos povos do Xingu no passado e no presente. Há, por exemplo, imagens inéditas de dois fotógrafos consagrados que documentaram a região extensamente, Henri Ballot e Maureen Bisilliat, cujo arquivo também está sob a guarda do IMS. Neste andar, também estão fotografias feitas por Kamikia Kisêdjê e por comunicadores da Rede Xingu +, que mostram o cotidiano das aldeias e também a presença dos povos xinguanos em atos políticos e manifestações, como a edição deste ano do Acampamento Terra Livre, em Brasília.

Em cartaz até 9 de abril de 2023, a mostra contará com uma série de atividades paralelas, que serão divulgadas ao longo do período expositivo. Ao visitar a exposição, o público poderá conhecer mais sobre a história de lutas e resistências dos povos xinguanos, como enfatiza o escritor e ativista Ailton Krenak, em entrevista a ser publicada no catálogo da mostra: “O Parque Indí-

gena do Xingu é inspirado na ideia de conservação, e ele inspira muito. Inspira a luta indígena no sentido da conservação da biodiversidade e na convivência da diversidade de povos dentro de um mesmo território. Ele é um imenso repertório de experiências positivas que inspira as lutas dos indígenas até hoje.”

Conselho consultivo

No processo de idealização da mostra, os curadores contaram com o apoio de um conselho consultivo externo que contribuiu apresentando considerações, opiniões e críticas. Fizeram parte do grupo o indigenista André Vilas Bôas, a linguista Bruna Franchetto, o antropólogo Carlos Fausto, a curadora Naine Terena, a liderança Tapi Yawalapiti, o cineasta Vincent Carelli, criador do Vídeo nas Aldeias, e Watatakalu Yawalapiti, uma das lideranças do movimento de mulheres do Xingu.

O processo de identificação de imagens contou com a colaboração da Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX), que representa os 16 povos que vivem no território, e de lideranças dos povos Xavante, Bakairi e Kayapó, também retratados na exposição.

Catálogo

O IMS lançará, em breve, o catálogo da exposição. A publicação trará ensaios de Carlos Fausto e Naine Terena e depoimentos de Ailton Krenak e Watatakalu Yawalapiti, além de imagens das obras exibidas na mostra.

Podcast

A pesquisa para a exposição começou durante a produção do pod-

cast Xingu: terra marcada, que teve a participação dos curadores Guilherme Freitas e Takumã Kuikuro. Lançada em abril de 2021 pela Batuta, rádio de internet do IMS, a série narra a história da campanha pela demarcação do Parque Indígena do Xingu e seu significado para a luta pelos direitos indígenas até hoje. Em cinco episódios, o podcast traz entrevistas com pesquisadores e lideranças, mostrando a perspectiva dos povos xinguanos sobre a trajetória do parque e a situação atual dos indígenas. O programa está disponível, para acesso gratuito, no site da Batuta, no Spotify, na Apple Podcasts e em outras plataformas.

Década Internacional das Línguas Indígenas 2022-2032

A exposição acontece no marco da Década Internacional das Línguas Indígenas, proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas para o período entre 2022 e 2032. A ação tem como objetivo garantir o direito dos povos indígenas de preservar, revitalizar e promover suas línguas, assim como integrar os aspectos da diversidade linguística e do multilinguismo nos esforços de desenvolvimento sustentável.

Serviço

Xingu: contatos

Abertura: 5 de novembro (sábado)

Visitação: até 9 de abril de 2023

Entrada gratuita

IMS Paulista | Avenida Paulista, 2424, São Paulo

Tel.: 11 2842-9120

Horário de funcionamento: Terça a domingo e feriados (exceto segundas), das 10h às 20h.

DIGITAL SIGNAGE NA PREFEITURA: A GESTÃO AO ALCANCE DAS PESSOAS



O DIGITAL SIGNAGE E COMO ELE AJUDA A VENDER MAIS



@DIGITALTVMIDIA